A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

NUMERO 46 — PREÇO AVULSO 1 ESCUDO — 12 PAGINAS

# O DOMINGO *ilustrado*

SEMANARIO
R: D. PEDRO V-18
TELEF. 634 N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

## AINDA NÃO!

Garras aduncas se estendem sobre o nosso grande patrimonio colonial! Ambições desmedidas e ultrajantes, querem-nos roubar o que é nosso e bem nosso! Todos os portuguezes falarão como um só, defendendo o que herdaram de seus maiores!

O DOMINGO ilustrado

ANO I N.º 46

LISBOA 29 DE NOVEMBRO DE 1925

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO ilustrado

DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 480 N. — CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

# ECOS

### A visita macabra

O sr. Alfredo Guizado visitou no seu gabinete da Arcada o sr. João Camoezas. Os dois politicos, sorridentes, cumprimentaram-se:

—Então que o traz por cá?

—Eu queria cadaveres... balbucia o poeta, vereador, e deputado Guizado.

—Cadaveres!...

—E' que os fornos crematorios estão promptos, e ninguem se presta á experiencia...

Na escola medica dizem que o sortido que tem é todo preciso para a salsicharia dos rapazes e, positivamente, eu não fiz o fôrno para mim...

Comovido e palido, o sr. João Camoezas, tem então um expediente, e num oficio do ministerio ordena-se:

*O ministerio da Instrução requisita algum pessoal morto do Instituto de Medicina Legal, afim de fazer serviço nas novas instalações crematorias, etc.*

Custa a crer—mas foi assim!

### Aires de Carvalho

O nosso querido amigo e ilustre publicista sr. Aires de Carvalho, enviou-nos uma novela, que com muito prazer publicamos hoje.

Na antiga «Ilustração Portugueza» e em muitos jornaes do genero, tem publicado novelas o sr. Aires de Carvalho.

### O Domingo Ilustrado e a imprensa estrangeira

Já por varias vezes jornais estrangeiros se têm referido ao *Domingo Ilustrado* por uma forma penhorante.

O *Excelsior* é-nos muito amavel. *Die Woche* revista alemã, já por duas vezes reproduziu capas de *O Domingo*. A revista *Portugal*, dirigida pelo notavel jornalista e dramaturgo Rui Chianca, faz-nos uma bela referencia num dos seus ultimos numeros.

### Contractos com o Estado

Quando da Exposição do Rio de Janeiro, os artistas que a ela concorreram, assinaram com o Estado um contracto, em que, o governo prometia segurar as obras enviadas.

Sucede que no costumado desleixo oficial não foi pago o respectivo premio de seguros, e muitas obras de arte ficaram completamente perdidas, pois estiveram tres mezes á chuva.

O Estado, culpado em absoluto do prejuizo sofrido, ainda se não resolveu a pagar. E ha quem o tome a serio?!

### Serra Ribeiro

E' nosso colaborador o ilustre artista fotografico sr. Serra Ribeiro, de cuja autoria eram as fotografias da nossa ultima pagina sobre Gago Coutinho, e que tanto sucesso produziram.

PELO DEDO...

—O meu irmão nada é tua procura!
—Já me entraram ha dez minutos!

# Má língua

## 8000 DOIDOS

*Um jornal de informação*
*sem commoção nem revolta*
*diz que, ha por toda a Nação,*
*mesmo ao pé, ou mesmo á mão,*
*oito mil doidos á solta.*

*Senti o sangue gelar-se*
*nas veias bombas e molles;*
*terá então de adoptar-se*
*já sem peia nem disfarce*
*por Capital... Rilhafolles?*

*Pois então a Lei Civil,*
*—esse factor poderoso*
*de justiças de funil—*
*terá por fonte subtil*
*as doutrinas de Lombroso?*

*Haverá estygmas aos milhas*
*no desabar deste abysmo,*
*feito de lódos e abrôlhos?*
*ou tem o jornal nos olhos*
*principios de estygmatismo?*

*Não creio em tantas loucuras.*
*Deve ser carapetão.*
*Doenças, sim, e bem duras;*
*—Portugal ficou sem curas*
*co'a Lei da Separação.*

*O que ha, é muita mania*
*infiltrada em certa gente*
*médo, canseira, hypocrisia,*
*sarcasmo, troça, ironia*
*em serviço permanente.*

*Mas loucuras?! que toleve!*
*que tremendo destempêro!*
*Doido estará quem o disse,*
*pois admira que não visse*
*tudo mais são do que um pêro.*

*La porque hoje um se desgosta*
*do «assalto a um Banco», e, do arranco*
*com que os'os outros arrosta,*
*descança a comer a «posta»*
*sentado no mesmo «banco»...*

*Lá porque outro agôra almeja*
*renunciar, sem ter de sobra*
*motivos, ou porque veja*
*que não acha homem que seja*
*um pau para toda a obra.*

*Lá porque vê muitas coisas*
*contrarias ao bom criterio,*
*—e Costas, Silvas, e Sousas*
*espadilarem sobre as lousas*
*de um immenso cemiterio,*

*é uma injustiça antipathica*
*insultar os «cidadões».*
*8000! E' verba emphatica...*
*A votação democratica*
*nas passadas eleições...*

*Basta de flauta e de guiso!*
*Basta de ruins invenções!*
*Egualdade! E' o que é preciso.*
*Ou 'stá tudo em são juizo,*
*ou 'stão doidos seis milhões.*

TAÇO

# questão prévia

POIS, meus amigos: umas novas eleições decorreram sem que o meu nome fosse lembrado ao sufragio. Nem deputado, nem senador, nem vereador. Já agora resigno-me a não ser tambem escolhido para vogal da junta da minha freguezia, porque isto de ser-se vogal é consoante a vontade dos varios directorios.

Como em qualquer das eleições, nas gerais ou nas administrativas, não fui candidato nem votado, posso considerar-me eleito por uma tormidavel maioria, supondo que os meu nome votariam todos os eleitores que se abstiveram. E, partindo desta hipotese inconsciente, é bem facil continuar a supôr que, por força da numerosa votação que sobre o meu nome recairia, eu me encontrasse eleito, por exemplo, vereador unico, vereador exclusivo, com todos os pelouros a meu cargo e a cidade ás costas. A minha obra — permitam-me a imodestia — seria extraordinaria, como podereis inferir do programa, que a traços multissimo largos vou ter a honra de vos expôr.

* * *

Sabido como é, que não se lucra nada com que chova na cidade, as ruas seriam todas cobertas com telhados de vidro, o que traria a vantagem de nos ensinar a não atirarmos pedras aos dos vizinhos e a de se recolher a agua que do ceu sobre os telhados caisse, agua que seria cuidadosamente engarrafada, para ser distribuida á população durante aquela quadra do ano em que a Companhia das Aguas só fornece estiagem aos domicilios.

Sobre estetica das fachadas, o meu plano seria qualquer coisa de avançado, pondo Lisboa definitivamente na vanguarda das capitais europeas. Atendendo aos progressos da aviação, as portas de entrada deixariam de ser ao nivel da rua, passando a abrir-se nas aguas-furtadas, o que evitaria aos transeuntes a vista e o cheiro desagradavel dos caixotes do lixo em exposição. E' evidente, que com esta modificação, as carroças do lixo passavam a ter azas e os respectivos varredores teriam pelo menos o «brevet» de observadores... dos preceitos higienicos. Passaria a ser rigorosamente proibido estender nas janelas, para enxugar, peças de roupa intima que podessem afectar a estetica dos predios, tais como ceroulas de fitas e saias de baixo munidas dos referidos atilhos. Igualmente a substituição, nos caixilhos, dos vidros por folhas de cartão, seria rigorosamente punida com pesadas multas.

Acerca de pavimentos, alguma coisa haveria tambem a fazer. No Rossio, por exemplo, não me limitaria á pavimentação por asfalto. As valetas daquela praça e do Largo D. João da Camara seriam todas revestidas dum rebordo de peluche vermelho, a fim de permitir aos engraxadores, que por ali estacionam, o ajoelhar no chão com uma relativa comodidade.

Nos cemiterios, tambem a minha acção de vereador se faria sentir. Para alegrar o ambiente, a Camara contrataria um jazz-band para cada necropole e os epitafios passariam a ser redigidos em mais ameno estilo. Assim, por exemplo: «Aqui jaz Fulano, esticou a lanlos de tal. Tinha que ser!» ou ainda: «Jazigo-haud de Cicrano que, por ter vivido de dividendos, ao apurar o quociente da morte deu estes restos... mortais». Em todos os funerais de segunda classe para cima, seria obrigatorio o fornecimento duma taça de champagne aos convidados.

Em materia de assistencia á infancia, não me limitaria, como o meu bom amigo Alexandre Ferreira, a lavar as crianças das escolas durante quinze dias por ano, na Cruz Quebrada. Levaria mais longe a benemerencia municipal criando a instituição do «Bidet Infantil», destinada ao fornecimento gratuito e obrigatorio á petizada alfacinha, de instrumentos de limpeza, incluindo esponjas e sabonetes.

Finalmente e para coroar dignamente esta obra, concluiria o monumento ao Marquez de Pombal. Simplesmente, considerando que perante a minha acção, Sebastião José teria perdido todo o seu prestigio de reedificador da cidade, substituiria a sua estatua pela minha e seria nas minhas conchas de bronze que o leão do projecto aprovado daria as suas marradinhas familiares e de rendida admiração.

# ECOS

### A alpista do Junckers

O «Junckers» andou por todo o mundo. Correu seca e meca, voou, aterrou, subiu, desceu, e nunca parou. Chegou porém a Portugal, e logo ao terceiro dia, estacou, de monco caido, á chuva, em Alverca — derreado e com uma fome de Benzol, que não podia levantar uma aza.

Vae-se á loja comprar a ração para o bicho e vê-se que não ha que lhe dar de comer. Malfadada terra esta, que não tem sequer alpista para mandar voar um passaro...

### Muzeu fechado

Escreve-nos um amigo deste jornal, comunicando-nos que o Muzeu de Arte Antiga, que o grande artista Columbano dirige com superior gosto, se encontra fechado nas suas salas de arte portugueza pessoal.

E' verdade? Merece-nos confiança a informação, e tristissimo será que estrangeiros, e mesmo portuguezes visitem essa casa de arte, e não possam ver senão as salas maiores, não levando uma ideia de todos os bons artistas nacionaes ali representados.

Reputamos gravemente simptomatico o desleixo oficial, não dotando o Muzeu do pessoal preciso.

### O nosso numero do Natal

Será enorme, brilhantemente colaborado pelos principaes nomes de arte e letras, com poesias, gravuras e desenhos ineditos. A nossa primeira capa será dum grande artista. Melhor será vê-lo e comprá-lo... mas julgue-o quem não poder admirá-lo.

Todos os assumptos de publicidade são tratados pelo habil agente sr. Gomes Barbosa.

### O Domingo Ilustrado e as suas novas secções

Vamos modificar o nosso jornal, ampliando o numero de secções, dando ainda mais e mais variada leitura. Novos nomes chegarão todos os dias, e pouco a pouco o nosso jornal corresponderá ao magnifico e sempre crescente acolhimento do publico.

O nosso Numero do Natal, que será enormissimo, marcará uma nova fase de progresso desta gazeta.

NA AGENCIA DE VIAGENS

—Eu desejava ir para sitio tranquilo, onde ninguem me visse!
—Então queira entrar na cabine do telefone!

# HUMORISMO

## crónica alegre

# O HOMEM MACACO

*BOM EMPREGO*

*Comida, casa e um pequeno ordenado. Dirigir-se ao Jardim Zoologico de Lisboa, das 11 ao meio dia. Só se trata com o proprio.*

GERVASIO, um modestissimo bacharel em letras que á falta de melhor emprego, fazia coleção de objectos encontrados dentro das onças de tabaco francez, achou n'aquele anuncio uma esperança de melhor existencia e, ás onze horas precisas, batia á porta da Direcção do Jardim.

— Foi aqui que puzeram este anuncio? Vinha ver se servia! Sou bacharel em letras!

— Foi realmente aqui, mas o emprego não lhe deve servir! Trata-se de fazer de chimpanzé!

—Serve com certeza. Sempre deve ser melhor do que ter de hipnotisar a familia todos os dias ás horas em que dantes se jantava e almoçava!

—Mas bem vê, o emprego, é, como direi... uma coisa reles... inferior! O chimpanzé que ahi tinhamos morreu, de pronto não nos é possivel arranjar outro, e, um Jardim Zoologico sem um macacão que divirta os visitantes, é assim uma especie de melancia sem pevide, de corrente sem relogio, de olho sem pestanas! De sorte que, a Direcção pensou, e tendo mandado esfolar o chimpanzé morto, lembrou-se de o substituir provisoriamente por alguem que...

—Serve-me o emprego! Aceito, tanto mais que conhecendo muito bem as teorias de Darwin, estou certo que, se o homem vem do macaco, não será grande crime, que um dia o macaco venha do homem!

—N'esse caso, olhe, aqui tem a pele! Vou leval-o á sua jaula!

—E a comida, a que horas é?

—Isso é a toda a hora! Bem vê, nós não lhe podemos distribuir ração, porque o jardim não está em condições de sustentar os animaes, mas como todas as creanças e mesmo alguns adultos, teem a mania de dar comida aos animaes, amendoim e pevides não lhe hão-de faltar!

—Muito bem!

—Olhe a jaula é esta! Ora vista lá a pele e entre, para eu lhe explicar o que tem a fazer.

Gervasio enfiou o ex-saco dos ossos do macaco, encaixou na cabeça a caraça de borracha e entrou na jaula, mas, mal tinha dado o primeiro passo, recuou espavorido. N'uma jaula ao lado, um urso enorme, mostrava os terriveis dentes entre urros aterradores.

E, o que mais fez tremer Gervasio, foi o facto de ver que a sua jaula não era inteiramente dividida da do amigo urso, havendo na parte superior, espaço bastante para uma pessoa adulta ser comida.

—Não tenha receio! Como os ursos não saltam, não corre portanto o menor perigo. Tenha cuidado em não meter algum braço ou perna para o lado de lá, que o mais não tem importancia! Ora vamos lá á lição. O meu amigo a primeira coisa que tem a fazer é estender a mão atravez das grades, como quem está a pedir! Isso mesmo! Depois, recolhe o que lhe derem e come, fugindo para o fundo da jaula! Isso! Depois pode dar um pulo até á parte mais alta! Isso! Outro pulo para traz! Muito bem! O meu amigo tem muito geito!

—E, ó senhor Director, posso tambem atirar com terra e talos de couve?

—Sim senhor! Fica até muito bem! E mesmo se cuspir não perde nada! Bem! Atenção! Chegam os primeiros visitantes!

* * *

Afinal aquilo de ser chimpanzé não era dificil. Ao terceiro dia, Gervasio estava um macaco perfeito, e já era falado nos jornaes, coisa que nem com vinte volumes de investigação historica tinha conseguido. Ia gente de proposito ao jardim, ver o chimpanzé que dava saltos até ao teto da jaula, tinha muita graça a pedir, e ás vezes, quando um engraçado lhe deitava na mão uma pedra até parecia que falava! E Gervasio, áparte a preocupação de não se chegar muito para o visinho urso, estava como em sua casa.

* * *

Um domingo a afluencia da visitantes foi maior. Em volta da jaula do chimpanzé, estava tanta gente que parecia uma secção de voto!

Gervasio, dentro da pele do bicho, estava contentissimo! Decididamente nascera para aquilo! N'isto viu que um petiz lhe deita na mão uma "sandwich" de queijo! A sua alegria foi tanta, que quiz marcar o caso com um salto prodigioso! Encolhe as pernas, faz força e ele ahi vae direito ao teto, mas, calculando mal, atravessou o espaço que divide as duas jaulas e vae cahir em cheio sobre o urso que se deitára ao sol.

Gervasio, vendo chegado o ultimo dia da sua vida, encolhe-se o mais que póde, lembra-se da familia e titubeando exclama:

—Meu Deu! Estou perdido!

— Cala a boca! diz-lhe uma voz de dentro da pele do urso—Arranjáste um sarilho, que agora tenho que te comer e não sei como isso ha-de ser! Raios te partam!

* * *

N'essa mesma tarde Gervasio foi despedido!

HENRIQUE ROLDÃO

TEMPO AO TEMPO

*—Um emprego? Mas você é demasiado joven ainda!!*
*—Está bem! Voltarei daqui a uma semana.*

NO PROXIMO NUMERO

**Cronica Alegre**

DE

ANDRÉ BRUN



## TEÓFILO BRAGA

Teófilo Braga, principe das Letras que foi o primeiro presidente da Republica, glorioso «imortal» já tão morto hoje, não esperou muito tempo antes de sentir inclinar-se sôbre tudo o que resta do seu espirito irrequieto e da sua personalidade inconfundivel—sôbre as páginas dos seus livros e a lembrança da sua voz timida—uma curiosidade tão inteligente como a que êle próprio empregou em tôda a sua incansável actividade critica.

Numa brochura de excelente aspecto gráfico, temos em nosso poder as primeiras «Notas e Comentários» sugeridos pela recordação dêsse homem que deixou, na Vida, um tão intenso rasto de originalidade e de independência moral. Teófilo Braga viveu oitenta anos de trabalho que foram oitenta anos de combate, de ataques e perseguições, de legitima defeza contra a sorte, contra os inimigos, contra a sua própria maneira de ser. Recordá-lo é vê-lo passar, numa estranha atitude de orgulho, esgrimindo atabalhoadamente com argumentos de fôrça, e seguir mais adiante, sempre com um sorriso de triunfo, muitas vezes mal ferido, deixando um traço de violência a marcar os seus passos audazes. Vencido apenas pela Morte, quis um bom acaso que fossem mãos de mulher as primeiras que tentaram apagar a recordação vermelha dêsse grande espirito combativo e lembrar apenas o que nêle existiu de admirável e de sagrado.

Foi a ilustre escritora Olga de Morais Sarmento—que no intenso ambiente intelectual de Paris, onde reside há anos e onde é a mais solicita amiga dos artistas moços de Portugal, não aprendeu a desinteressar-se dos acanhados horizontes pátrios—, quem veiu prestar a Teófilo Braga morto, ao gigante aparentemente esquecido, a primeira homenagem condigna. A ilustre autora de «A Marquesa de Alorna» depoz sôbre o corpo mirradinho dêsse que foi seu querido mestre e amigo as únicas flores de saudade que ao morto poderiam ser gratas, as únicas folhas de sempre saudoso desfolhar para os seus ouvidos exaustos: as folhas dum livro...

Familiarizada intimamente com a obra de Teófilo—, conservando dêle e da sua maneira de sentir a mais enternecida memória—, senhora duma cultura mais do que invulgar, porque é hoje rarissima—, dotada duma privilegiada visão critica, a Senhora D. Olga Sarmento poude facilmente realizar o quási impossivel de reunir num volume de cem páginas—que não é um estudo critico nem um descuidado perfil literário—tudo o que é suficiente para erguer bem alto a figura tão discutida do seu velho mestre. Talvez com o intuito de acrescentar beleza e superioridade moral á figura intelectual que analisa, e de, portanto, atrair sôbre ela um maior interêsse público a Senhora D. Olga Sarmento quis, no seu magnifico estudo, delinear bem todos os elos que uniram a personalidade e a obra de Teófilo, não hesitando em interceptar a serena e muito pessoal interpretação do seu temperamento literário para nos dar, atravez de episódios e de recordações, o retrato psicológico e fisico do

CONTINUA NA PAGINA 4

ECOS DA SOCIEDADE

*—Separou-se do marido!*
*—Sim? E porquê?*
*—Não se sabe!*
*—Oh! Que vergonha!*

A critica alegre

# O Bemfica e o Sporting

## andam á pancada por causa de 2 bolas ganhas pelo primeiro

A's trez horas e quarenta minutos o sr. Alfredo Pedroso, fardado de «sportman» dá o sinal do estilo e começa-se a brincadeira. Logo de entrada os camaradas do «Bemfica», dizem que d'aquela feita é que a coisa vai e começam a correr d'um lado para o outro e aos pontapés á desgraçada bóla que está amarela com tanta pancada que leva.

O Bailão, dá cada soco com os pés que até faz impressão á vista e o Jorge Vieira prega cada «falhanço» que quasi faz desmaiar as espectadores.

Dez minutos depois do jogo o «Bemfica» enfia a bola para dentro da guarita de Cipriano e a «claque» em frente dá palmas para aquecer.

Veio outra vez a bola ao meio e, depois de varios encontrões entrou novamente pelo «Sporting» dentro. Palmas, muitas palmas e tudo volta ao principio.

O «Bemfica» aperta cada vez mais o pescoço do «Sporting». Este grupo apresentou varios e notaveis jogadores que hão-de ficar imorredoiros pelos pontapés ao contrario. O Martinho então mostra-se especialisado na arte de fazer asneiras com o cabelo crescido. O Torres Pereira não avança para a bola sem salva-vidas e por, isso, os do Bemfica, mais resolutos e sem medo a um pontapé nas canelas, constantemente estão no terreno adversario.

Acaba a primeira parte.

Os do «Sporting» vão lá dentro afirmar aos admiradores que estão atafulhadinhos de azar e os do «Bemfica» idem, afirmando que d'esta vez é que a coisa fica memoravel.

O sr. Alfredo Pedroso vem apitar novamente. Espera-se um pouco por um jogador do «Sporting» que ficou lá dentro a colecionar as asneiras que ha-de fazer na segunda parte.

O segundo tempo decorre sem novidade. Os jogadores, como a bola é só uma para tantos, entreteem-se a jogar aos pontapés uns com os outros.

A certa altura, Mario de Carvalho estende-se ao comprido e recolhe com uma aza quebrada.

Volta d'ahi a pouco e, cheio de correção, n'um belo exemplo de «association» dirige-se ao camarada que lhe deu um beijo sem querer, e prega-lhe um abraço de rebentar os canelos.

O publico dá palmas, e para se entreter, como não se marcaram mais «goals», começa ele a jogar ás palmas. Ora bate a «claque» do «Sporting», ora bate a «claque» do «Bemfica» E assim o publico está entretido até final do desafio.

OS JOGADORES

Francisco Vieira, de camisola pinoca, fez uma defeza que não era precisa porque a bola passou a quinze metros. Cipriano, encaixou um «tiro» que por um triz não o vára de lado a lado.

Jorge Vieira não fez nada, e Pimenta brincou ás escondidas. Leandro está peor que um urso, e Bailão mostrou que n'aquele baile é um par de respeito. Os outros estiveram bons e maus. O publico por um pouco não fez asneira, mas, contentou-se em dar palmas, mesmo quando não eram precisas.

RESUMO

Os do «Bemfica» mostraram alma até Almeida, os do «Sporting» foram á Serra . . . e Moura . . .

O HOMEM DOS PASTEIS

A BORDO DO JUNCKERS

# Lisboa vista de cima

Lisboa, a linda cidade da beira-Tejo, vista de mil metros de altura, é um dos espectaculos mais maravilhosos que os nossos olhos tem visto. De bordo do «Junkers», o maravilhoso avião que o povo tem admirado na sua magnifica linha de vóo, vê-se a cidade estendida á beira d'agua, preguiçosamente deitada sobre colinas verdes e, sem o menor enjôo, sem o menor balanço, o avião corta o azul infinito, n'uma carreira rapido, ao som violento dos 3 motores trabalhando. A «cabine» que é uma linda saleta, comoda e confortavel, dá-nos a impressão de que vamos n'um enorme transatlantico, sem uma oscilação, sem uma leve tremura. O que são as sensações de bordo do «Junkers» já o disseram os nossos colegas. Nós, como coisa inédita, anunciamos para um proximo numero uma «Cronica Alegre» do nosso querido chefe de redacção Henrique Roldão, em que se tratará o assunto de uma maneira nova entre nós. Leia por isso n'um numero do *Domingo* a «Cronica Alegre»:

MEMORIAS DE UM EX-PÁSSARO

# OS SPORTS NA PROVINCIA

(DOS NOSSOS CORRESPONDENTES ESPECIAES)

FIGUEIRA DA FOZ—Resultado dos desafios realisados no passado domingo, para disputa da Taça Figueira da Foz.

1.as categorias, «Operario-Caladense», ganham estes por 4-0. «Sporting-União», empatam 3-3.

2.as categorias, «Operario-Caladense», ganham os primeiros por 4-0. «União-Sporting», ganham os primeiros, por 1-0.—C.

COIMBRA.—Realisou-se no passado domingo um encontro de foot-ball (meias finais da Taça Cidade de Coimbra) entre a Associação Academica e o Moderno Foot-Ball Club, vencendo os Academicos por 9 a 2.

Ha grande entusiasmo para assistir ao ultimo encontro, entre os fortes agrupamentos União e a Associação Academica.

Quem vencerá?

Deslocou-se á cidade de Aveiro no passado domingo, o União Foot-Ball-Club, para jogar um desafio de foot-ball com os Galitos, vencendo o União por 8 a 0.—C.

VENDAS NOVAS.—Realisou-se em Coruche, um desafio de foot-ball entre o Sport Coruchense e o 11 amigos Sport Club, desta vila.

Desafio interessante, por vezes esmaltado de boas fases de associação.

Saiu vencedor o Coruchense por 5-1, que se encontrava reforçado com Tramagal do Benfica e Bellord do [illegible].

A arbitragem deficientissima.—C.

CASTELO BRANCO.—No domingo passado foi organisado um sarau pelo Gremio Desportivo União, desta cidade, revertendo o produto a favor da sua caixa. Nele tomou parte o digno professor do Liceu sr. Antonio Martins, com exercicios de esgrima e florete.—C.

TORTOZENDO.—Um onze d'aqui, composto de elementos heterogeneos, foi jogar no p. p. domingo á Covilhã com o Sporting Club d'aquela cidade, perdendo por 5-1.

O Sporting—campeão da Covilhã—apresentou em campo os seus mais valiosos elementos, ao contrario do Tortozendo, que apresentou um onze fraquissimo e que sob a direcção não sabemos de quem, trouxe uma nova tactica de efeitos negativos, isto é, os homens da defeza ao ataque, e estes á defeza, dando em resultado um 4-0 contra, no fim da 1.a parte.

No segundo meio tempo cada um passou aos seus logares habituaes, dando em resultado o mesmo entrar trez vezes o esferico nas redes [illegible], sem que estes lograssem tocar as dos seus contrarios.

No proximo domingo joga novamente o mesmo onze com o Sporting, aqui no Tortozendo, e, parece, querer o mesmo apresentar-se completo.

Sendo assim, tem possibilidades de pôr mais uma vez em cheque os [illegible] Covilhanenses. Oxalá que o resultado d'este encontro traga o condão de fazer arripiar caminho aquelles que têm responsabilidades no meio sportivo, e os faça pôr [illegible] parte vaidades [illegible] que apenas prejudicam o bom nome do foot-ball Tortozendense.—C.

PORTIMÃO.—Realisou-se no dia 22 do corrente a final da Taça Algarve entre o Portimonense S. Club e o Sporting C. Olhanense, vencendo este por 4-1 resultado que não diz com a marcha do jogo; 4-1 seria mais justo, devido á parcialidade do arbitro, primeiro porque não evitou o jogo violento por parte do Olhanense, segundo porque expulsou do campo um jogador do Portimonense que ao ser agredido por Belo esboçou um gesto, mas o que agrediu continuou, isto na primeira parte. O Portimonense só com 10 homens não desanima e alcança aos 18 minutos n'um passe a Luiz Ramos, extremo direito jogador mais leal e o melhor é atacado deslealmente por Monteneiro sendo retirado em braços, toda a assistencia se manifestou, com um fora ao jogador incorrecto mas o arbitro continuou na sua parcialidade, e então o Portimonense só com 8 homens limitou-se á defesa, em frente do ex-campeão de Portugal.—C.

REDONDO.—Realisou-se no passado domingo 15 do corrente um desafio de foot-ball entre o Sporting Club Eborense, que se deslocou a esta localidade afim de defrontar uma selecção constituida dos grupos locaes: Redondo Sport Club, Associação Foot-Ball Club, e Sporting Club de Redondo.

Ambos os grupos eram constituidos com elementos de categorias inferiores, mas apesar d'isso mostraram alguma ligação.

O resultado foi de 3 contra 0 favoravel á selecção de Redondo, que desenvolveu um bom «Association».

Assistencia correcta e em numero elevado apesar do tempo estar muito chuvoso. A arbitragem a cargo do Sr. Anibal do Carmo Rosa Bruno, boa, agradando a todos.—A.

Os grupos eram constituidos como segue: *Sporting Club Eborense*. Bailão, Joaquim Praça, Simões, Fialho, André (capitão), Pinheiro, Rodrigo, Estevam, José Praça, Valentim e Fabião.

*Selecção de Redondo*:

Silvino (capitão), A. Pinheiro, Laurentino, e Barrinha da A. F. C., A. José, Cardeira, Alberto, Pita, Branco da R. S. C., Reynaldo e Virioto do S. C. R.—C.

AVEIRO, 22.—Para inauguração da nova época de foot-ball jogaram no dia 22 as segundas categorias dos Galitos contra o 1.o team de Agueda, que saiu vencedor por 3 bolas a 1. Em seguida jogaram as 1.as categorias dos Galitos e União de Coimbra. Ficaram vencidos os Galitos pelo esmagador resultado de 8 bolas a 0. Os Galitos que teem jogado quasi todas as épocas com a União, nunca tinham sido vencidos; empataram uma vez e ganharam todos os outros jogos. Foi a maior derrota que sofreram, em todos os jogos que teem feito. Contudo, este desastre deve-se á equipe mediocre que apresentaram em campo, tanto em 1.as como em 2.as categorias.

P. S.—Para a semana começarei a enviar fotografias dos acontecimentos sportivos mais palpitantes, que se deem em Aveiro.—C.

TEOFILO BRAGA

*(Continuação da 3.a pagina)*

grande democrata, desde a hora em que, em plena maturidade mas já revolucionário, passeava a sua «gaucherie» simpática pelos salões aristocráticos, até ao instante em que o viu chorar a sua angustiosa velhice de apóstolo desiludido.

Como o Destino tem, por vezes, ironias supremas! O escritor que floresceu num ambiente fidalgo veio a ser o mais democrata da sua geração e, depois de morto, é pela primeira vez homenageado pela pena de alguem que, sendo seu irreconciliavel adversário político, já naturalmente traçára enlevadas palavras de admiração em louvor da ultima Rainha de Portugal, da Rainha que desceu do trono empurrada pela eloquência demolidora dos amigos politicos de Teofilo! Só por isto, pelo que representa de isenção critica, a obra de D. Olga Sarmento não pode nem deve confundir-se com outras, nesta grande maré-cheia da «saison» literária que vai começando; nesse estudo sôbre Teofilo Braga encerra-se, além de tudo o mais, um belo exemplo e uma grande lição de dignidade profissional. Com essa obra—sintese maravilhosa de simplicidade e de compreensão, reflexo glorioso duma miraculosa receptividade, incapaz de ser perturbada por facciosismos de credos politicos ou de escolas filosóficas a Senhora D. Olga de Morais Sarmento conquistou a honra de iniciar um ciclo de critica «teofiliana», que só atingirá o seu apogeu quando já não exista nenhum dos insignificantes que se sentiram lesados pelo excessivo esforço que ocupou na vida o grande luctador só vencido pela Morte.

## Correia Leal

Este distinto desportista que vinha dirigindo, com agrado dos nossos leitores, a nossa pagina desportiva, deixa hoje temporariamente, pelos seus muitos afazeres, ultimamente bastante aumentados, o seu cargo. Que a sua ausencia seja o mais curta possivel, são os votos de *O Domingo Ilustrado*

O DOMINGO ilustrado

# TEATROS

## á sucapa...

### Um caso de extrema gravidade

Alguem que bebe do fino, afirma-nos, que nos ultimos exames realisados na Escola da Arte de Representar, se usou d'um favoritismo «muito especial» na aprovação para actriz, de determinada candidata. O caso é de tanta importancia moral, que o damos como simples boato. No entanto, como temos maneira de tirar o caso a limpo, vamos fazel-o e, se for verdade o que nos afirmaram, será o «trato» aqui posto a nú, tanto mais que tratando-se de um caso extremamente grave, quem o cometeu, se o fez, tem grandes responsabilidades moraes e sociaes.

### A Semana do Artista

Deve realisar-se no proximo mez em Lisboa a «Semana do Artista», uma festa inédita entre nós que, se fôr bem realisada, ficará memoravel, já pelo exito financeiro que por certo obterá, já porque ela vai levar ao publico, qualquer coisa de agradavel.

Mas para os que estão nos segredos dos Deuses, traz a festa uma outra vantagem muitissimo importante:

Por um detalhe d'essa festa, fica-se sabendo, d'uma maneira absoluta, qual a gente de teatro que deseja a congregação da classe n'uma sociedade e qual a que não se importa que as coisas corram ao Deus dará...

### Um caso de transfusão artistica

N'uma entrevista, declarou a societaria do Nacional, Sr.ª D. Ester Leão que, se a epoca do Teatro Nacional não dér para a despesa, está disposta a não receber cinco reis de ordenado e ainda a custear o «deficit», na sua quota parte.

Um exemplo d'estes é para se lhe tirar o chapeu umas poucas de vezes!

Evidentemente, que a ilustre actriz calcula, n'esta afirmação, que não será ela a unica a abrir as veias para sustentar com o seu proprio sangue o templo da Arte Dramatica, mas nós, que somos dos que já não acreditam em cantigas, desconfiamos que, na hora do sacrificio, a Sr.ª D. Ester Leão será a unica a estender os pulsos, pois nos restantes societarios lavra uma anemia apavorante...

## TREMIDINHO

CRITICO TEATRAL

### NO NACIONAL

### AS DUAS METADES

ALTISSIMA COMEDIA EM 3 ACTOS

*1.º acto*—Clemente Pinto, com aquela mania de não aturar ninguem, arma em ditador e dita uma carta a uma menina do Conservatorio que foi para ali vêr se aprende alguma coisa. Ao fundo ha um enorme reposteiro verde, que sendo de tragica memoria, é duma tremenda callxtagem para a temporada.

Entra o Joaquim de Oliveira com um filho e depois o Luiz Pinto, que vem de luto carregado, em homenagem á gerencia. Em seguida entra a D. Esther Leão que vem zangadissima porque a casa está fraca. Começa a vêr as contas da gerencia e clama que é preciso arranjar uma comandita se não nem mesmo que os societarios deem a pele, ela consegue interpretar grandes peças. Aparece a D. Maria Pia que vem completamente vestida de peles e a D. Esther diz que vai fazer uma estatua ao pae.

Entra o sr. Pinheiro que vem com uma capa de oleado, o que nos indica que está a chover, mas depois aparece a D. Albertina toda de branco, o que nos indica que está a fazer sol, mas a D. Palmira Torres vem dizer que é carnaval e tudo fica explicado. Entra o Ribeiro Lopes que vem arreliado porque não está para trabalhar de graça, e todos vão para o saguão tomar uma «chicara de café» por chavenas.

Ficam sosinhos a D. Esther e o Clemente, este afirma que não tem amor algum ao trabalho, que qualquer dia vai para Chaves, a D. Esther diz-lhe que isso é que era o idial e acaba o acto porque não ha mais nada a dizer, nem tanto era preciso.

*2.º acto.*—Aparece um scenario que eu conheço desde quando ainda o Fontes era ministro. Em scena está um contador com embulidos que assistiu á fundação do teatro e o Clemente para disfarçar dispõe almofadas.

Entra o Luiz Pinto que vem propôr um altissimo negocio: A não divisão de ordenados no fim do mez e o Ribeiro Lopes zanga-se afirmando que ha uma aluna do Conservatorio que não tem geito para reprezentar.

Ficam outra vez sós o Clemente e a D. Esther. Falam sem dizer nada e a certa altura a D. Esther pregunta ao Clemente se e.e é homem. Clemente que, durante o acto ás vezes parece que não é, vai á serra, diz que não está para lhe aturar os caprichos e, como vingança, entrega-lhe a gerencia e um cofre vazio para pagar a «seral» dizendo-lhe:

—Queres reprezentar? Pois então, arranja capital que eu não estou para isto!

Cae o pano e cada um vae a pensar para o camarim que o Clemente tem muita razão.

*3.º acto.*—O Clemente e o Ribeiro Lopes tratam de contas e veem que não ha dinheiro para pagar. Entram a D. Maria Pia e a D. Albertina. A D. Esther diz que está com vontade de sahir para Hamburgo (para variar) e n'isto a D. Albertina começa a «atirar-se» ao Clemente dizendo-lhe que sabe que ele tem uma casa em Chaves. Ele beija-a, ela acha graça, perde uma travessa e fica muito atrapalhada quando vê entrar a D. Esther.

O Clemente afirma que vae ao chá mas a D. Esther faz-lhe uma scena. N'isto toca o telefone, (o telefone n'esta peça tem um vastissimo reportorio!) e o Clemente dá ordens. A D. Esther vendo-o de novo na gerencia, vem dar-lhe um beijo e ele então, para ela ficar socegada, diz-lhe que não tenha medo, que no fim da epoca hade haver equilibrio orçamental. Cae o pano.

## DIZ-SE...

*Abrimos hoje uma nova secção na nossa pagina teatral que, com a sua prezente feição, tem obtido um geral agrado entre toda a gente de teatro.*

*Chamamos-lhe «diz-se...» e nela diremos o que... se diz á boca pequena pelos cafés, palcos, camarins e mais centros de má lingua teatral. Dentro d'este singelo «Diz-se»... pretendemos pôr em letra redonda o que muita vez não é permitido dizer e quasi sempre punindo quando se escreve, mas, como se trata de um «Diz-se...» quasi sempre não passa d'um boato sem importancia...*

**DIZ-SE**

—que na polemica havida entre o sr. José Parreira e Avelino de Almeida, aquele senhor apontou muitas coisas que estavam corretas, esquecendo outras, como por exemplo aquela frase: «Estou sem cheta»!

—que a Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro vai passar a chamar-se «Gremio Teatral Portuguez».

—que houve dezaguizado no Ginasio por causa dos nomes nos cartazes...

—que certa empreza de Lisboa já perdeu até á data, cerca de mil contos de reis.

—que ha quem não esteja d'acordo com a extinção dos nucleos da A. C. T. T.

—que o entendimento havido entre a Sociedade dos Autores Hespanhoes, e a Sociedade dos Auctores Portuguezes, deixou varias entidades sem fala.

—que está para muito breve o casamento entre uma atriz e um ator do Eden-Teatro.

—que num teatro recentemente aberto á exploração, ha «apenas» novecentos mil reis de calivos por noite.

—que ainda ha quem pense que o emprezario José Loureiro, na sua proxima chegada, virá tratar da organisação de companhias.

—que as noticias de uma proxima empresa de Otelo de Carvalho, são apenas balões de ensaio.









**S. Carlos** — Companhia Lucilia Simões-Erico Braga — «Principe João». Estrundoso exito.

**S. Luiz** — Duas zarzuelas: «A canção do Olvido» «Montaria».

**Gymnasio** — «Guerra ao Vinho», com Barbara e Gil Ferreira. Grande exito.

**Avenida** — Sempre «O Pão de Ló» peça de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos e Henrique Roldão.

**Politeama** — Companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro «Raparigas de hoje».

**Eden** — Todas as noites a revista «No Paiz do Tirismo».

**Nacional** — «As duas metades» com optimo desempenho.

**Apolo** — O «Saltimbanco» pela companhia Berta de Bivar Alves da Cunha.

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

# O suicida da Boca do Inferno

***Pungente drama d'amor qu há poucos mezes se desenrolou entre Lisboa e Cascaes***

ACABANDO o «fox» que os enlaçara por momentos, Paulo conduziu-a a uma cadeira vaga, e, ao agradecer-lhe, despediu-se apertando-lhe a mão e deixando-lhe nela, ao mesmo tempo, uma carta muitas vezes dobrada, que Maria, n'um subito sobresalto, guardou. Nenhuma das senhoras que enchiam o salão e que, sentadas, seguiam todos os movimentos dos dansadores, viu aquele gesto; e, assim, Maria pou-

*Nenhuma das senhoras que enchiam o salão viu aquele gesto...*

de ocultar a carta, metendo-a rapidamente na meia, pois que os vestidos modernos não teem faceis esconderijos para missivas damor.

Paulo e Maria amavam-se havia muito, n'uma paixão tanto mais ardente quanto tinha de ficar secreta, pois que ela era casada. Assim, quando acabou o baile e o automovel a deixou em casa, pretextando uma violenta dôr de cabeça, pediu ao marido que a deixasse só e fechou-se no quarto para lêr as palavras do homem que era a sua adoração.

A carta dizia:

*Meu amor*

«Necessito absolutamente falar comsigo. Se me ama, ou, mesmo que me não ame, marque-me uma entrevista onde queira, onde lhe seja possivel, haja para mim o perigo que houver. Se não faz isto, que lhe imploro de joelhos, ou enlouqueço ou morrerei d'esta febre intensa que me queima. Sabe bem que a amo delirantemente e que preciso da sua vida para que a minha subsista. A paixão que sinto por si é como se fôra um tigre feroz que se me prendesse ao coração e, com as garras, m'o retalhasse e cavasse n'ele uma chaga enorme. D'ela me vem uma dôr infinitamente aguda, que me atonta o cerebro e m'o obscurece. N'esta luta horrivel tenho medo de sucumbir, porque, mesmo chorando, nenhum alivio se me espalha na alma. E a culpa, é sua apenas! Se me ama, como m'o fez comprehender, para que me obriga a sofrer assim? Que especie de amor é o seu que não sofre de me vêr sofrer? Procure falar comigo, uma só vez que seja! E, depois, se pesar mais na sua vida um dever discutivel do que o nosso amor, eu partirei, não tornarei mais a vel-a, asfixiarei os gritos do meu coração, ainda que tenha de não o deixar bater».

*Paulo*

Maria leu muitas vezes seguidas esta carta, e quedou-se largo tempo silenciosa, os olhos fixos n'um ponto, mordendo o labio inferior até quasi rebentar sangue. De subito, um relampago lhe passou pelo olhar, escondeu a bela cabeça nas mãos e chorou convulsivamente, com soluços de angustia e gritos abafados na molesa da almofada. Uma hora depois, sentou-se a uma secretária e, na sua caligrafia ingleza traçou estas palavras:

*Querido amigo*

«Fez-me sofrer imenso com a sua carta. Não haverá um certo exagero nas suas palavras? Não sabe que se tirarmos a uma paixão a soma de romantismo que ela encerra, qua.i nada resta senão um leve capricho? E dum capricho, quem se não cura facilmente?

Eu quero ser-lhe franca. Pela primeira vez que lhe escrevo, desejo confirmar-lhe as palavras que temos tanta vez segredado onde quer que nos encontremos. Sim, sinto por si uma grande simpatia, uma atracção inexplicavel, um sentimento que não comprehendo e que se envolve n'uma afeição carinhosissima. Será isto esse terrivel Amor?

Como sabe, eu não conheço o Amor! Casada cedo com um homem mais velho, e que me é apenas suportavel, nunca senti no meu coração o amor que vejo descripto nos livros, e que me é confidenciado pelas minhas amigas. Será amor essa sensação nova para mim e que o meu amigo me inspira? Se é, creio que pertence a uma especie muito mais agradavel do que o seu. No seu amor, o que me apavora é o que eu sinto n'ele de tragico, de fatal, de absorvente. Emquanto que eu fico plenamente feliz quando o vejo, quando lhe falo, quando o ouço murmurar que me ama, tenho a impressão de que o meu querido amigo se sente profundamente desgraçado pela minha presença. Será porque eu não *sei* amar?

Ignoro. Mas, respondendo mais directamente á sua carta, confesso-lhe que o Paulo me colocou n'uma situação embaraçosa. Já compreendeu, decerto, o motivo porque não tenho querido escrever-lhe. E' pelo mesmo motivo de delicadeza que não lhe proporcionei ainda entrevista alguma. Se o amor, como dizem os livros, implica sempre a abdicação do proprio eu, porque não se contenta, Paulo, em saber que o amo no intimo do meu coração? Poderiamos ser assim tão felizes! Em todo o caso, uma coisa lhe declaro: nunca poderei ser sua amante! Tenho por principio não esquecer os meus deveres e não os esquecerei, creia! Dito isto, quero provar-lhe a minha grande afeição: consinto em encontrar-me comsigo, ámanhã. Embarco em Lisboa, para Cascaes, no comboio da 1 hora da tarde, e espero encontral-o, Paulo, na Boca do Inferno, em sitio em que não sejamos vistos. Está satisfeito?

Adeus. E convença-se de que as mulheres sofrem, por vezes, muito mais do que os homens, se bem que as suas expressões sejam muito menos vibrantes».

*Maria*

Dois dias depois de enviada esta carta, apareceu na bahia de Cascaes, boiando, o cadaver d'um homem novo, que devia estar elegantemente vestido. Trazido para terra, não foi a principio reconhecido.

Por fim, um individuo que foi vêl-o á Morgue disse quem ele era: Paulo Correia, de Lisboa. Logo que esta noticia apareceu nos jornaes, uma senhora luxuosamente vestida apresentou-se na morgue e, ao encarar com o cadaver, soltou um grito, sendo levada, quasi sem sentidos, para o automovel que a trouxera. E, ao mesmo tempo, um homem do povo ia declarar ao governo civil que, tendo lido nos jornaes a noticia do aparecimento d'um afogado em Cascaes, desejava informar o seguinte:

«Passava ás 4 horas da tarde da ante-vespera pela Boca do Inferno e resolvera descansar ali um pouco. Para isso, trepou á penedia da beira-mar e sentou-se n'um canto de sombra, quando ouviu vozes em meio d'aquela solidão. Voltou-se, procurou, e avistou um homem e uma senhora, sentados

*Trepou á penedia da beira mar... para descançar um pouco.*

um pouco adiante e discutindo acaloradamente. De longe, viu que ela chorava e ele lhe beijava as mãos. Por fim, ela pareceu tomar uma resolução, ergueu-se e ia sahir. Ele disse-lhe qualquer coisa. Ela parou, respondeu, pareceu hesitar, mas finalmente, retirou-se, só. Ele permaneceu no mesmo logar, fitando as ondas.

Nada mais vira, porque continuára o seu caminho. Mas supunha que o desconhecido se tivesse suicidado».

... E os jornaes alinhavam por baixo quaesquer comentarios indiferentes...

AYRES DE CARVALHO

## O NOSSO FORMIDAVEL CONCURSO DE NOVELAS CURTAS

Continuamos hoje a publicação das novelas recebidas:

*Lozila*, por A. Lopes.
*Dôr Suprêma*, por José Viegas.
*As tragedias da cidade*, por O Invisivel.
*A Rosita*, por Jorge de Reiolos.
*Eterna Historia*, por Jorge de Reiolos.
*O Presidiario n.º 73*, por L. F. F. M.
*O Cinto, conquistadas*, por Theinudes Oradin.
*Baile Tragico*, por Juca de Barcelos.
*Caminhos Humanos*, por Albino de Almeida.
*O Penedo da Saudade*, por O Homem Misterioso.
*Vingança*, por Antonio dos Santos (San-Sant.
*Florinda*, por Nabals da Cruz.
*Manuela*, por Nabals da Cruz.
*X X X*, por Nabals da Cruz.
*Os dois cartões*, por Passos Poole.
*Desventura*, por Catias.
*Entre paixões*, por Rui d'Ergos.
*O colar de perolas*, por Diana.
*Feras...*, por Tich.
*A Ultima Partida*, por Gouveia de Lima.
*Infelicidade justa*, por Fanéca.
*O Crime da Dama Loira*, por Renato Tiara.
*A Filha do Padre*, p r Alexandre.
*Noite de Nupcias*, por João de Sousa.
*A pobre Aninhas*, por Martinez de Lima.
*Historia Verdadeira*, por Rosa Branca.
*Vozes que sofrem*, por Diana Flarival.
*Victima do Destino*, por Fernaddo Monteiro.
*A Mentira*, por Frederico Prostes.
*O concurso de O Domingo e o capricho duma mulher*, por Guilhermina Ramalheira.
*Aquela gargouta ilustre*, por Guilhermina Ramalheira.
*O amor de mulher*, por Julio Valflor.
*Um homem forte*, por Julio Valflor.
*Anitas*, por A. Fivelim Costa.
*Joana Bonita*, por A. Fivelim Costa.
*Margarida*, por A. Fivelim Costa.
*Maria Madalena*, por A. Fivelim Costa.

*O DOMINGO ilustrado*
Do NATAL é monumental

UMA NOVELA IRONICA COMPLETA

# Ligação... que desliga!

***Graciosa e ironica pagina onde os trocadilhos e os chistes pintam, com pitoresco, um incidente lisboeta, na prosa leve e despretenciosa do auctor.***

D. Bernarda era destas que o ciume transforma em sogras milicianas.

Estava sempre, como vulgarmente se diz, com a pedra no sapato.

Nela o excesso de desconfiança, dava mesmo a esta pedra, as proporções dum verdadeiro calhau.

Ao mais ligeiro indicio, ao mais vago e problematico vestigio ou boato sem confirmação, a sua colera explodia com o fragor das grandes calamidades.

Então, a vitima deste temperamento, —o marido,—sentia todo o peso do nome da sua cára metáde, que nesses momentos, pelo estrago feito na baixela, se tornava carissima.

Ele que nunca fôra á guerra e que assistira a todas as revoluções internas, impávidamente instalado debaixo da sua ampla cama de casados, tinha nesses momentos, a sensação dos horrores da 1.ª linha. E, por isso, perdia-a sempre.

Convem dizer, que se não frequentára a guerra e as revoluções nacionais, não fôra porque o medo o impedisse. Não; coragem tinha ele. E a prova é que casára, sujeitando-se a ter em casa uma Bernarda permanente.

Mas, por isso mesmo, por ter em casa uma Bernarda, para que havia de ir á rua meter-se noutra?

* * *

Ora apezar dos perigos que em tal ambiente conjugal tinham as suas escorregadelas, ele não podia chamar-se

Aquela D. Bernarda era uma «bernarda» permanente.

um esposo exemplar, um marido modelo. A não ser um modelo dos maus.

As proprias dificuldades o excitavam a procurar constantemente novas aventuras.

Mas fazia-o com o maior cuidado, afim de não perturbar a paz—armada do lar conjugal.

E, coisa curiosa, D. Bernarda nunca se zangava quando o procedimento, se bem que clandestino, do marido, o podia explicar.

Geralmente zangava-se quando não tinha motivo algum que o justificasse.

De resto, zangava-se já por um habito; as questões eram já para ela uma distracção, um passatempo imprescindivel.

Armava questões, como quem construe paciencias, para matar o tempo.

Muitas vezes mesmo, não tendo motivos proprios, irritava-se com os alheios.

Casos relatados pelas pessoas conhecidas, factos condenaveis praticados pelos maridos das amigas, eram suficiente rastilho para as explosões do seu genio tempestuoso.

E, perante esses escandalos alheios, o seu odio generalisava-se contra todo o sexo oposto, incluindo por fim o marido, que se via obrigado a tomar a defeza da classe, e a justificar-se, como se se tratasse d'um caso pessoal.

Foi neste ambiente vulcanico que se desenrolou o caso que abaixo se transcreve.

* * *

D. Bernarda amanhecêra calma e sorridente.

Todos a extranhavam. Tinha, nesse dia,—insultado só 4 vezes o marido e partido apenas 3 pratos de sobremeza e duas cadeiras de palhinha.

Por um assomo de ternura, muito raro em si, deliberou saber de uma amiga de infancia que não via ha muito. E dirigiu-se para o telefone. Pediu o numero e esperou.

De repente encontrou-se em pleno idilio de 2 desconhecidos. Percebeu que havia cruzamento de linhas ou ligação mal feita, mas não se deu por achada.

Por uma indiscreta curiosidade, muito propria do seu sexo, não desfez o engano e, numa crescente irritação, escutou o amoroso dialogo.

Dizia uma voz feminina:

—O' filho, mas isto assim não tem geito nenhum. Intruja-a de qualquer maneira.

—Mas como filha? Já gastei todos os pretextos.

—Que tens serão por exemplo.

—Se eu passo o dia a fazer cera, como ha-de ela comer o serão?

—Que tens de ir velar o cadaver de um amigo, dum conhecido.

—Impossivel, ela sabe que não conheço nenhum cadaver.

—Então espera; uma reunião politica do teu partido.

—Isso ainda menos; ela sabe perfeitamente que, desde que numa dessas reuniões me partiram a cabeça, eu nunca mais tive partido.

—Desculpas; afinal o que estás é a esquivar-te. O que não tens é vontade de vir ter comigo.

—Bem vês que é dificil; se tivesse uma justificação, um motivo razoavel...

—Todos os motivos são razoaveis.

—Parece-te, mas com uma mulher assim...

—Olha sabes o que te digo: quem tem uma mulher assim, rifa-a, põe-a no prego, mas não a atura.

Neste momento D. Bernarda não se podendo conter, exclamou inadvertidamente.

—Grande desavergonhada, grande indecente!!

—O quê? Achas-me indecente? Interrogou indignada a voz feminina.

—Eu não que, ideia!

—Ora essa, eu bem ouvi.

—O' filhinha já te disse que não disse tal coisa.

—Pois sim agóra metes os pés pelas mãos; disse que não disse; tu é que já não sábes o que dizes; sábes que mais? Já estou fárta disto.

—O' queridinha não te zangues! juro-te que não disse nada; era incapaz disso bem sabes...

—Grande palerma! exclamou mais indignada D. Bernarda.

—Tambem não é caso para me insultares, gemeu a voz masculina. Censuravas a má creação da minha mulher e afinal fazes o mesmo.

—Essa agora! Insultei-te?

—Sim, eu felizmente ouço bem.

—Pois se assim foi, ainda bem; ficamos págos. E afinal vens ou não vens?

—Mas que desculpa hei-de dar?

—Olha tu é que não tens desculpa nenhuma. Que falta de imaginação, credo...

—Mas é que não imaginas, as coisas que eu já tenho imaginado, para a intrujar e apezar disso ela imagina sempre que é mentira.

—Olha não lhe dês satisfações; não lhe digas náda que ainda é o melhor. Raspa-te sem dar caváco...

—Impossivel, ficava encavacada de tal forma, que me escavacáva a mobilia toda...

—Mas saindo sem dizer náda, ela não dá por isso...

—Isso sim! E' mais facil um elefante sair pelo fundo d'uma agulha, do

—O' Bernardosinha desculpa, mas acredita que foi a primeira vez...

que eu sair de casa sem dizer para onde vou...

—Mas uma vez era a primeira.

—Era a primeira e a ultima, porque com certeza não saia de lá com vida e figura humana...

—Isso é exagero.

—Já te disse; aos bocados, a prestações, ainda talvez consiga vir cá para fóra.

—Mas isso então não é mulher, é uma fera domestica.

—Domestica é favor, menina; indomesticavel, é que é. Sabes lá quantas grosas de pratos, de chavenas, de terrinas eu tenho de comprar todas as semanas...

—Abençoada! E' cá das minhas! aprovou sem se conter D. Bernarda.

—Não vejo então porque a censuras, fez numa admiração a voz masculina!

—O' filho, não fui eu que falei; parece-me que não estamos sós.

—Essa agóra! Então é brincadeira das meninas da estação...

—São umas atrevidas. O melhor é acabarmos com isto, para acabar a brincadeira. Então em que ficamos? Gostava que viesses para veres o vestido novo. Ficou lindo, não imaginas. Todo enfeitado a contas...

—Calculo. Eu tambem já vou estando todo enfeitado a contas...

—O quê?

—Sim a contas... de modista, de sapateiro, de chapeleiro...

—E então, não é preferivel do que gastar em louça para a féra da tua mulher fazer em pedaços?...

D. Bernarda então não se conteve, e exclamou fóra de si:

—E' demais! Grande pouca vergonha! Havia de ser comigo, e vocês haviam de ver, seus descarádos!

(CONCLUE NA PAGINA 8)

# PASSA-TEMPO

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

**PROBLEMA N.º 45**

Por A. F. Powell (1925 1.º premio)

Pretas (8)

(Brancos (10)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 43

1 D 5 D

Resolveram os srs. Pereira de Figueiredo, Francisco Peixoto filho (Torlogendo), Marques de Barcus, Vicente Mendonça, Zacog, Nunes Cardoso.

O problema de hoje afasta-se das regras geraes que já indicámos. E' um bloqueio muito interessante com ante pregagem das Brancas.

## LIGAÇÃO... QUE DESLIGA

(Continuação da pagina 7)

E desligando o telefone:

—Não conhecer eu a mulher, que havia de pôr tudo em pratos limpos.

E na impossibilidade de pôr tudo em pratos limpos, precisando de acalmar os nervos excitados, transformou em cacos todos os pratos que encontrou ali á mão.

Emfim, não poz tudo em pratos limpos mas ficou tudo limpo de pratos.

* * *

Á hora de jantar, ainda irritada com a scena a que assistira, D. Bernarda não se poude conter sem contar tudo o que ouvira.

—Calculem que pouca vergonha! e descrevia numa perfeita e fiel reprodução toda a conversa.

Por fim no auge da narrativa encarando ferozmente o marido;

—Então não me poude conter e disse-lhes:—E' demais! grande pouca vergonha! Havia de ser comigo e vocês haviam de ver seus descarados!

Então o marido que a escutára numa palidez crescente, num visivel desfalecimento, de olhos esgazeados exclamou como que apavorado, inconsciente, ajoelhando-se e pondo as mãos, n'uma suplica:

O' Bernardasinha, desculpa, mas acredita que foi a 1.ª vez, e bem ves que me esquivei o mais que poude...

D. Bernarda olhou-o transfigurada, louca; as suas mãos crisparam-se num rictus satanico, terrivel, e a sua voz estridente trovejou:

—O quê???!! Pois eras tu!!

Ah seu grandecissimo...

* * *

O resto que o avaliem os leitores.

Proseguir esta narrativa, era pretender descrever o indescriptivel. O terremoto de 1755, o diluvio, o juizo final, o fim do mundo, não se lhe poderiam comparar.

AUGUSTO CUNHA

SECÇÃO A CARGO DE ***REI-FERA***

## QUADRO DE HONRA

20 DECIFRAÇÕES (Todas)

*LHÁLHA*

*BISTRONÇO, ROBUR*

*E DROPÉ*

CAMPEÕES DECIFRADORES DO N.º 44

OUTROS DECIFRADORES:

*ERRECÊ, 13 PATO BIGAS, L.da, 8 MIDA, 4*

DEDICATORIAS:

Decifraram as producções que lhes foram oferecidas:

*AFRICANO, BISTRONÇO, VASCO H. DIAS, DROPÉ, PATO BIGAS LIMITADA*

Os restantes, estão a compor um telegrama...

### DURAS DE ROER...

Não tinham ossos...

***DECIFRAÇÕES DO NUMERO PASSADO:***

1 Mosteiro—2 Mela—3 Cabedal—4 Cordovez—5 Avo—6 Linto—7 Testemento—8 Pilota—9 Sutamentira.

### CHARADAS EM VERSO

*(Retribuição ao distincto charadista Ordisi)*

(1)

A sua charada bela
De má caça me saiu
Na caça que fiz a ela,
Meia arma branca, amarela,
Mata-la não conseguiu.

Para o *Campo*, terça-feira—2
Arrastei-a, a 'ma caçada—1
E então sem mãe cameira
Com um'arma mais certeira,
Fiz-de vela assassinada.

Muito embora mais melindrada
Fiques viva e sorridente,
Fino grato ao camarada,
Que me deu fartal empalmada,
Com uma «pennada» somente...

AFRICANO

*(Convidando o meu colega e amigo Santos, ao charadismo)*

(2)

A mulher, a luz, a flor...
Tres musas de esplendor
Que imperam toda a grandeza
Com meiguice e com fervor.

São a Lira do cantor
Dedilhada com presteza,
A essencia desta beleza—1
Que nos cerca com fulgor.

A vida assim *permanece*—2
Erguendo ao Céu uma prece
Que perfuma como essencia.

Se num rosto de mulher
—Que a nossa alma escolhe a quer—
Queda um beijo com *prudencia*.

ORDISI

*(Agradecendo, pela parte que me cabe, ao insigne colega Rei-Vax)*

(3)

Quando morrer o Rei-Vax,
Nós ao enterro iremos,
A tocar 'uma rabeca.—2
E' a *instrumento* que temos

Mas antes vamos-lhe dar
um conselho: Caro s'nhor,
carretas p'ra lá p'ro céu,
não queira. Vá de *apressar*

PATO BIGAS, LIMITADA

### CHARADAS EM VERSO

*(Ao ilustre Rei-Fera agradecendo o seu cuidado)*

(4)

Creia, ilustre director,
Que o Domingo não esqueço;
A esquecê-lo-me fui forçado,
Bastante *pena* senti—1

Volto agora e com *ardor*.—2
Vosso cuidado agradeço,
Mas por ausencia tão longa,
Aspras *censuras* mereço.

VASCO H. DIAS

(5)

Sempre acha quem *procura*—3
Com o maior ou menor labor;
Causa *pena* quem atura—1
Este pobre *decifrador*.

A. M. C.

*(Agradecendo a atenção do nosso Director Rei-Fera)*

(6)

A *consciencia* pura e sã—1
sempre agradece o favor
quando, sem lisonja vã,
a recebem com amor

Assim minh'alma louçã
jamais esquece, senhor,
a forma assás cortez
como acolheu tal cantor.

O ser que mal se adivinha
*relativo* a vós freguesinha—3
do fazedor destes versos,

transformar-se-há, bom «Rei-Fera,
em um *saber* e quem dera,
poder chamar sons dispersos.

LHÁLHA

*(Retribuindo a Rei-Vax; pela parte que me toca)*

(7)

S'nhor, «dom spiro, aprende E' velho ditado
que somente lembro e não aconselho,
Nem mesmo alguma qualquer fedelho
O velhinho «Rei-Vax» tão contristado.

A minha vontade é velão fadado—2
por melhor signo, sem doirar o joelho
á dôr que o avassala! D'ela é 'spelho
o seu rosto triste e cheio de calado.

Quanto a *mim*, não quero a morte. Pois ela—1
é tam feia, má, cruel!—E a magricela
que tanto come e nunca tem conforto!—

Depois tem a morte em grande depósito
*cheiro desagradavel*!... A proposito:
Nunca viu, «Rei-Vax», o olhar d'um morto?

LHALHA

### CHARADAS EM FRASE

(8) *A minha geração não tem rival; é extraordinaria*—1—1.

Porto ERRECE

(9) *Vamos!* Corre depressa a comprar-me *barris* de vinho para curar a *molei*.—2—2

(10) Aqui ao *lado* tem uma optima *pousada*, por o amigo desconhecer a terra é que lhe faço esta *prevenção*.—1—2

REI-VAX

(11) *Apoz-se o titular para apanhar o gafanhoto.*—2—2.

(12) Confundiu um *porco* com o *demonio* Crusoe. —1—1

O MISTER MISTERIO

*(Ao grande Rei-Vax, a proposito da Superação; agradecendo a parte que me coube)*

(13) Quem tem *dentro* de si uma tal *opinião*, deve fazer *exame* de *consciencia*.—2—2.

Porto ERRECE

*(A Hicco-Zoehl, meu mestre na arte charadistica)*

(14) *Sou charadista desde que vês o sala.*—2—1.

(15) Na *cadeia* nem com toda a nossa bôa *vontade* conseguimos viver *á larga*.—2—2

Coimbra E. O. Q. B.

(16) *Arranca fio de algodão com a agulha de artilharia.*—2—3

PATO BIGAS, LIMITADA

(17) *Todos temos em casa este pelo.*—1—1.

JORGE X

(18) O' *mulher*, rasga o *vestido* mas por favor *não* me tires a *bacina*.—2—2—1.

LHEHY

DAMAS

*Solução do problema n.º 44*

| | Brancas | Pretas |
|---|---|---|
| 1 | 24-27 | 32-23 |
| 2 | 15-18 | 23-15 |
| 3 | 8-11 | 15-8 |
| 4 | 7-11 | 16-7 |
| 5 | 26-30 | 25-16 |
| 6 | 30-21-10-1-13-19 | |
| | Ganha | |

**PROBLEMA N.º 45**

Pretas 1 D e 9 p.

Brancas 1 D e 7 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

—

Resolveram o problema n.º 43 os Srs. Artur Santos, Carlos Coelho (Benefica), Diamantino Pereira, José Brandão; José Magno (Algés), Ratoeana (Oeiras), Um aliado (Foz do Douro); Um principiante (Carvalhos), Vicente Mendonça e Bento Faria, já nosso conhecido, que nos enviou o problema hoje publicado.

—

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardoso.

## LEIA NO PROXIMO NUMERO

## *A CONFISSÃO DO HOMEM PALIDO*

NOVELA SENTIMENTAL

POR

### CHARADAS EM FRASE

(19) *Não* há *nada* melhor para uma creança do que uma *bandeira*.—1—1

Porto O MISTER MISTERIO

### ENIGMA

(20)

Letrinhas dilas
Mas não vogaes,
Se bem achaes
*Festim* achaes.

REI-MORS

CORREIO DO

VASCO H. DIAS.—Isto agora é a valer?...
E. O. Q. B.—Muito grato pelas suas producções.
4 MADUROS.—(???????????)

O DOMINGO ilustrado

# VARIA

## Grafologia

### RESPOSTAS A CONSULTAS

TOUJORS FIDELLE N.º 15.—Força de von-de, paciente, teimosias, temperamento apai-xado e ciumento, pouca vaidade exterior, ...ém, desconfiança e reserva, caracter nada ...avel, espirito pratico e previdente, inteli-...cia clara, exalta-se de mais quando discute.

UM QUE AMA NO N.º 29.—Força de von-...e media, parece-se muito com a analise an-...ter, deve ser igual, talvez ainda desconfiado.

PAGANINI.—Temperamento impulsivo e ...onado, um tanto romantico embora a ... que leva não tenha nada de romantica, ...m gosto, frase viva, imaginação creadora, ...moria excelente, nervos indomaveis e irre-...ites, curiosidade, amor á leitura, exaltação ...spirito que o faz gesticular e elevar a voz ...ndo fala, bom coração, valente, e um pou-...inho mentiroso.

HENRY TAXON.—Generosidade impulsiva, ...dade e orgulho, inteligencia assimilavel, ...tanto de desordem, amor á mentira, ideias ...s e imaginação voadora, sentimento de ...la, valente como o seu pae, alma franca, ...smo natural.

MONSTRO.—Inteligencia clara, obediente ...as paixões e vicios, um tanto mau, ...o leal e pouco generoso, desconfiado, ...lhoso intimamente, fortemente sensual, ...mpramento artista, amor aos livros, ener-...o nas decisões, previdente, calculador, e de ...a força de vontade tenaz, practico e resoluto.

V. GOMES.—Força de vontade paciente, ...em, metodo, amor á estetica e á simetria, ...oso sem galeria, um tanto religioso in-...mente, bom gosto, amor ao trabalho, de-...do aos seus, inimigo de discussões, toma ...vida o que lhe encontra de melhor, e vive ... complicações espirituaes.

PAMPLINAS II.—Força de vontade media, ...m gosto, amor á estetica, lealdade, genero-...dade bem entendida, pouca vaidade, nem ...imismo nem optimismo, tudo espera de ...proprio, espirito um tanto infantil, ordem, ... memoria, nervos fracos.

CHRISTIANIA.—Boa imaginação, inteli-gencia clara, orgulho, vaidade, generosidade prodiga, mundanismo, pouca lealdade para ninguem, espirito critico, bom gosto, senti-mento de poesia, curiosidade, amor á litera-tura, «savoir faire», espirito religioso, amor ao conforto.

CAVALINHO.—Força de vontade fraca, es-pirito credulo e confiado, boa memoria pouco cultivada, dedicado, amavel, trabalhador, aman-te da leitura, pouco vaidoso, um tanto acanha-do, apaixonado e ciumento, mais esperto que inteligente.

SONOLENTA.—Espirito religioso, sonha-dora, vaidosa intimamente, um tanto descon-fiada, activa, trabalhadora, amante dos seus, generosidade bem entendida, capaz de guardar um segredo, memoria fraca, bom gosto, nada mentirosa.

«IRLANDENSES-MONDEGO».—Caracter bondoso e comunicativo, nervos gastos, (deve ter passado bastantes maus bocados na vida), espirito religioso sem fanatismos, generosi-dade bem entendida, dá como deve e a quem deve dar, trato afavel, sentimentalismo, lealda-de apesar de quando quer, saber ser uma exce-lente diplomata, bom gosto, pouca vaidade, juizo claro e justo das coisas. Agradeço o seu oferecimento e se a senhora quizer pode en-viar as novidades de «Irlandeses» para a Re-dacção do «Domingo Ilustrado» ao meu nome. Em nome dos meus pobres, agradeço tambem os 9 escudos.

*DAMA ERRANTE*

### CONSULTAS PARTICULARES

As consultas para respostas particulares, de-verão ser enviadas para esta redacção, com a indicação no subscrito «Consulta particular» e deverão vir acompanhadas de cinco escudos.

**Quere saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? ...vie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acom-...panhadas de um escudo para—«*A DAMA ERRANTE*».**

***RUA D. PEDRO V, 18, LISBOA***

## PALAVRAS CRUZADAS
### o passatempo da moda

#### HORIZONTALMENTE

1—Nota de musica 2—Nota de mu-sica 3—Nota de musica 4—Nota de mu-sica 5—Nota de musica 6—Nota de mu-sica 7—Esteiro 8—Rio portuguez (port.) 9—Doença 10—Sofrimento 11—Animal 12—Amo 13—Somiticario 14—Arco 15—Arco 16—Fundira 17—Semblante 18—Adoro 19—Embarcação 20—Via 21—Tres letras de DALIA 22—Pedra 23—Seguir 24—Nota de musica 25—Duas letras de ORA 26—Nota de musica 27—Carta 28—Nota de musica.

#### VERTICALMENTE

1—Orgão 6—Nome dum grande tou-reiro hespanhol 8—Nota de musica 11—Planta da China 16—Planta da China 17—Dente queixal 23—Raiva 29—Na-quele logar 30—Enraivecido 31—Nome de homem 32—Nota de musica 33—No-ta de musica 34—Nota de musica 35—Duas letras de CORO 36—Rio portu-guez 37—Reza 38—(prop.) Quantidade 39—Terra portugueza 40—Medida 41—Lista 42—Nota de musica 43—Caminhar 44—Elemento 45—Nota de musica 46—Nota de musica 47—Rio da Suissa 48—Terra portugueza 49—Epoca.

**Solução do numero passado**

#### HORIZONTALMENTE

1—Acha 2—Moca 3—Ca 4—Lá 5—Ai 6—Al 7—Lis 8—Ré 9—Adail 10—Rã 11—Luta 12—Aura 13—Na 14—Mi 15—Fado 16—Alhar 17—Fá 18—Opulo 19—Ia 20—Olá! 21—Ra 22—Ar 23—Ri 24—Al 25—Aro 26—Nero.

#### VERTICALMENTE

1—Açor 2—Mi 5—Asia 9—Atado 10—Rã 15—Fá 16—Alar 17—Fera 22—As 24—Ar 27—Cá 28—Al 29—Cá 30—Alva 31—Alda 32—Ia 33—E. L. 34—Lumbo 35—Una 36—Ria 37—Opar 38—Lá 39—Alto 40—Ar 41—In.

Decifraram o problema do n.º 44 as Ex.mas Sr.as D. Ida Pereira e Silva, e Aurora Carva-lho, e os snrs. de Geebo—Uria e Especiruz.

## de tudo um pouco

**...tchim e os pretos**

...be o leitor porque é costume fazer-se a ... preto, no sentido de o arreliar, o gesto do ...iro?

Porque os pretos não espirram!

...m tempos, realizava-se em Lisboa, a pro-...ão de um santo ou santa da devoção da ...te de côr. O povoléu punha-se em fila a vêr ... o cortejo e acompanhando com «atchins» ... a passagem dos filhos da raça negra. ...i ficou o habito de afligir um preto com ... «atchim».

**...ma bôa resposta**

Henrique Roldão, nosso chefe de redação ... um dia convidado a um jantar de familia. ...ndo o repasto, os donos da casa levaram ...osso amigo para a sala afim de ouvir uma ...ina visita tambem, que, dizia, era um por-...o no piano. O dono da casa fez á menina ... questão o pedido de tocar qualquer coisa; ...ona da casa pediu tambem mas a menina, ...ando faltas de memoria, não se resolvia. Por fim, depois de muito instada, já com ...ade arrelia de todos, resolve-se a ir tocar. Passa os dedos sobre o teclado, e depois, com um ar de peliz muito mal educado, volta-se para Henrique Roldão e pregunta-lhe com ar contrariado:

—Conhece os «Suspiros de Hespanha»?

—Não minha senhora!—respondeu o nosso amigo—Conheço os Palitos de Oeiras e as Queijadas de Cintra!

**Numeros curiosos**

Uma fabrica de rebuçados nacionais fabrica por dia 200:000 rebuçados!

Pois nem por essa razão os portuguezes teem o paladar dôce.

Uma perfumaria do Chiado, vende por ano 4 toneladas de pó de arroz! É sabe-se que o geral gosto dos homens é pelas mulheres mo-renas!

**Um dito de João de Deus**

João de Deus, o poeta do «Campo das Flo-res», perdeu um dia o seu quarto ano de di-reito na Universidade de Coimbra.

Arreliado com o caso, foi até ao Penedo da Meditação, onde se poz a pensar na desculpa a dar á familia. Passeava de lado para lado, fitando o chão, de mãos atraz das costas, quan-do um condiscipulo se acercou e, vendo-o tão pensativo, fitando o relvado, perguntou-lhe:

—O' João! Perdeste alguma coisa?

—Perdi! Perdi o ano!

**O juiz vesgo**

Havia certo juiz que era extremamente vesgo. Tão estrabico que quasi furava um olho com o outro.

Certa ocasião teve de julgar trez reus ao mesmo tempo. Os homens sentaram-se na sua frente, e a determinada altura, o juiz pregunta ao primeiro mas, como era vesgo, de maneira que o seu olhar incidio sobre o segundo:

—Como se chama?

Levanta-se o segundo e responde:

—Luiz da Costa!

—Não falei comsigo!—diz o juiz olhando para o segundo:

—Eu tambem não disse nada!—fez o ter-ceiro levantando-se.

**O primeiro teatro de Lisboa**

O local onde pela primeira vez se represen-tou em Lisboa, foi num teatro (?) armado num pateo pertencente a um hebreu, no sitio onde é hoje o Tribunal da Boa-Hora e que então era conhecido pelas «Fangas da Farinha».

**A razão duma frase**

O leitor já ouviu dizer: «Fala francez como uma vaca hespanhola» e naturalmente julgou que esse dito é uma das muitas coisas que se dizem sem motivo algum. Pois tem explica-ção:

Como é sabido, a França na sua fronteira com a Hespanha é delimitada pelas vasconga-das, paiz dos bascos ou vascos que, no dizer de alguns sabios, são os unicos representantes da primitiva população da peninsula iberica e falam um dialeto muito especial e arrevezado. Assim, o vasco que fala castelhano, fala-o mal e o mesmo acontece com o francez. Dahi o dizer-se na raia franco-hespanhola: «Fala fran-cez como um *vasco* hespanhol», havendo por tanto na frase aludida uma deturpação da pa-lavra *vasco* que derivou para *vaca*.

**O aqueducto**

Geralmente atribue-se a D. João V a cons-trução do aqueducto das Aguas Livres! E' um erro que só as louvaminhas á dinastia de Bra-gança desculpam. O aqueducto foi feito por iniciativa do povo de Lisboa e arredores que o fez á sua custa, enfeudando varios tributos e abrindo subscrições.

**Uma frase de Napoleão**

Quando Napoleão na Austria, impoz a paz, de-pois de retumbantes victorias, o Rei apontando-lhe a maneira como os soldados francezes en-travam nas cidades, roubando e saqueando, disse-lhe:

—«Sire», veja V. M. que, emquanto os sol-dados francezes combatem pelo oiro, os solda-dos austriacos apenas se batem pela gloria!

Ao que o grande general respondeu:

—Cada qual combate pelo que não tem!

***Importante.***—*Nesta secção podem cola-borar todos os nossos leitores. Basta para isso enviar os casos, anedoctas, ditos, curiosidades de que tiverem noticia, para a Secção DE TU-DO UM POUCO, Redação do DOMINGO Ilustrado, Rua de D. Pedro, V, 18—Lisboa.*

# Actualidades gráficas

## UM GRANDE EXITO DE TEATRO

## EM FÓCO

*Joaquim Leitão, o ilustre escritor e academico que no brilhante «magazine» «De Teatro» insere um valiosissimo artigo que é uma bela afirmação do seu talento.*

*Scena capital da peça «Principe João» entre a grande actriz Lucilia Simões e o notavel galã dramatico Samuel Diniz, e que se representa com exito inexcedivel no Teatro de S. Carlos.*

## UM CLUB QUE SE AFIRMA VICTORIOSAMENTE NO SPORT: «BELENENSES»

*Augusto Silva, famoso jogador duas vezes internacional, capitão do Club «Os Belenenses», que é o primeiro club á frente do Campeonato, e sobre o qual se mantêm grandes esperanças.*

## UMA «ESTRELA» QUE REAPARECE

*A gentilissima actriz-cantora Maria de Lourdes Cabral que reaparece no Salão Foz, á frente dama companhia de variedades.*

## INSTANTANEOS DE SPORT

*Momento emocionante na final da «Taça Algarve» em 1925, disputada entre o Sporting Club Olhanense e o Sporting Club Portimonense.*

# PUBLICIDADE

**ESPINGARDARIA DIANA**

JOÃO FERREIRA BRAGA

Espingardas dos melhores fabricantes e todos os acessorios.
Representante da maravilhosa espingarda

"ELEBUTAN"

A unica que mata a 100 metros

Escadinhas de Santa Justa, 96 - LISBOA

---

OS APARELHOS FOTOGRAFICOS

*"CONTESSA NETTEL"*

CONTINUAM A BATER O RECORD DA PERFEIÇÃO.

**GARCEZ, L.DA**

**Rua Garrett, 88**

TRABALHOS PARA AMADORES

---

JOALHARIA E OURIVESARIA

*PRATAS ARTISTICAS*

**Marianno Costa**

245, RUA AUREA, 247

TEL. 2393 C. LISBOA

---

**JAPONIKA**

É o melhor e o mais antigo esmalte

Agentes geraes para Portugal, Ilhas e Colonias

**Chemical Produces Ltd.**

RUA DA MADALENA, 45, 1.º

LISBOA C. 4374

---

---

## Não se iludam

Usem o conhecido e precioso sabonete **CRÊME CALDAS SANTAS**, de L'AGUIAR, descobridor e ex-concessionario da «Agua Caldas Santas», autor e proprietario de todas as formulas dos productos **CALDAS SANTAS** e **LUCY**. Frizar sempre a palavra **CRÊME** para não confundir com o sabonete **CALDAS SANTAS**, confusão que não se deseja. A venda em toda a parte. — Deposito geral: BRAZILIAN FLORA, Rocio, 73, 1.º — Telefone Norte **4829**. — Requisitem o livro descritivo scientifico.

PASTA DENTIFRICA **CALDAS SANTAS**

---

# ESPIRITA

TUDO consegue rápido, faz e desmancha casamentos, resolve todos os negocios, etc.; trata com seriedade. Pelo correio enviar dez escudos; consultas das 10 ás 19 horas.

RUA DO SOL AO RATO 215, 3.º

---

**O DOMINGO**

*ILUSTRADO*

*Aceita agentes em toda a parte onde os não haja*

---

**BRISTOL CLUB**

O melhor de todos

---

O melhor automovel **O. M.** A melhor ::: marca :::

**O unico automovel bom**

---

*BREVEMENTE A*

**A Novela do DOMINGO**

---

**FUNERAES**

Dos mais simples aos de maior pompa

Mario Augusto da Silva Milheiro

131, RUA DOS ANJOS, 133

LISBOA

Trasladações para todos os cemiterios, provincia ou estrangeiro. Urnas, armações, corôas, etc.
Funeraes dos hospitaes, morgue e particulares

TELEFONE 1094 N.

PREÇOS REDUZIDOS

Chamadas a toda a hora

---

**O melhor vinho de meza é o COLARES BURJACAS**

---

## BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

SÉDE — LISBOA, RUA DO COMERCIO
AGENCIA: — LISBOA, CAES DO SODRÉ

| CAPITAL SOCIAL | CAPITAL REALISADO | RESERVAS |
| --- | --- | --- |
| ESC. 48:000.000$00 | ESC. 24:000.000$00 | ESC. 64:000.000$00 |

FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE: — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Farô, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regoa, Santarem, Setubal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real Traz-os-Montes, Vila Real de Santo Antonio e Vizeu.

FILIAIS NAS COLONIAS:

AFRICA OCIDENTAL: — S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Loanda, Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga) S. Tomé, Principe, Cabinda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes e Lubango.

AFRICA ORIENTAL: — Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane Moçambique e Ibo.

INDIA: — Nova Gôa, Mormugão, Bombaim (India ingleza).

CHINA: — Macau.

TIMOR: — Dilly.

FILIAIS NO BRASIL: — Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.

FILIAIS NA EUROPA: — LONDRES 9 Bishopsgate E — PARIS 8 Rue du Helder.

AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS: — New York, 93 Liberty Street.

OPERAÇÕES BANCARIAS DE TODA A ESPECIE NO CONTINENTE, ILHAS ADJACENTES, COLONIAS, BRAZIL RESTANTES PAIZES ESTRANGEIROS

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

# O DOMINGO *ilustrado*

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO — 48 ESCUDOS —
SEMESTRE — 24 ESC. —
TRIMESTRE — 12 ESC. —

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52x20 - SEMESTRE, 26x10
ESTRANGEIRO
ANO, 64x64 - SEMESTRE, 32x32

NÃO FAZ CAMPANHAS — PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA — NÃO TEM POLITICA

## Lisboa modernisa-se: O novo teatro do Gimnasio

Possuindo uma bela fachada sobre a Rua da Trindade e com todas as comodidades modernas, acaba de inaugurar-se o novo teatro do Gimnasio, com uma grande companhia dirigida pelo notavel actor Gil Ferreira.

*(Clichê Serra Ribeiro)*